DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

Homenagem a José Osvaldo de Araujo

Palavras pronunciadas em Sessão de 20 de novembro de 1975 pelo consócio Presidente Dr. Carlos Studart Filho

Aqui não estamos, senhores, para abordar temas — históricos controversos, redourar brasões esmaecidos pelo tempo, recapitular epopéias vividas por heróis e semi deuses, desde muito olvidados.

Tampouco nos anima o propósito de relembrar civilizações esboroadas ha milênios e cujas pompas, refulgindo nas páginas sizudas da história, estupefazem o homem moderno, proclamam o valor dos artífices que as criaram e a soberana grandeza de seu engenho.

Não desejamos, outrossim, evocar povos cuja memória, sepultada na caligem de séculos sem conta, renasceu graças ao labor e a pervicácia de pesquisadores abnegados cujo nome a fama aureolou.

Ocupando esta augusta tribuna, não temos igualmente em mira apologizar vultos venerandos do nosso panteão: sábios, artistas, políticos ou guerreiros, nem nos move o intuito de dirimir dúvidas ou desfazer alguns dos muitos equívocos que enviam e desfiguram páginas e páginas dos anais de nossa pátria e, que, por isso mesmo, tanto angustiam os estudiosos honestos quando intentam reconstituir o panorama real da evolução sócio política do povo brasileiro.

A nossa missão aqui é bem mais modesta e se reveste de cunho eminentemente sentimental. Vimos a este augusto templo de saber e de civismo, animados do propósito de cumprir um dever, para nós inadiável, de honrar a memória de um amigo, de um verdadeiro amigo, essa criatura hoje tão pouco encontradiça, **avis rara** no tumulto dos dias que correm, quando, por força mesmo da agra luta pela sobrevivência, imperam "a dureza de coração, a secura de sentimentos, o egoismo mais áspero e mais descaroável."

Queremos falar de José Oswaldo de Araujo, essa criatura desataviada de vaidades, áustera e forte, cuja lembrança viverá para sempre no coração daqueles que gozaram do seu ameno convívio, e permanecerá indelével nas crônica desta casa de cultura, pelo muito que por ela fez através de vários anos de realizações benemerentes.

A unanimidade de votos por ele alcançada, quando de sua eleição para sócio efetivo do Instituto do Ceará, diz bem da estima, e consideração que lhe tributavam os integrantes do nosso sodalício.

Natural da cidade do Ipu, onde nasceu a 12 de março de 1894 em lar cristãmente constituido, cedo embebeu-se dos rijos princípios morais que sempre lhe nortearam a conduta.

Casou-se, em primeiras núpcias com D. Maria Estrela de Aragão. Desse consórcio houve os seguintes filhos: padre José Lourenço de Araújo, professor universitário em São Paulo; engenheiro Amaury Araújo; D. Mimosa Araújo Soares e o Dr. José Aragão Araujo, médico residente na Bahia.

Viuvo, desposou Oswaldo Araújo D. Maria Zita Timbó Araujo.

Do segundo matrimônio houve os seguintes filhos: engenheiro José Oswaldo Araújo Filho; D. Maria Estrela Araujo Fernandes, casada com o Sr. Maurício Fernandes; Maria Zita Timbó de Araújo, universitária do Curso de Engenharia e D. Maria Olinda de Araujo, casada com o Sr. Joaquim Magalhães Neto.

Não foi José Oswaldo de Araujo um sonhador, jamais integrou a inumerável coorte dos que vivem entregues a devaneios fáceis, nem lhe toldaram a mente idéias utópicas, quimeras ou fantasias.

"O velho Problema", de que nos fala Euclides da Cunha, em Contrastes e Confrontos, problema, no dizer de Bruno — o prefaciador daquela obra de assombrosa erudição — problema sempre novo e eterno, qual seja o problema social, nunca lhe causou sobrossos, nem inquietações.

Homem prudente, religioso e metódico, mais voltado para a terra a terra da vida, a família sempre foi, para ele, a preocupação dominante, e os filhos o seu maior enlevo.

Malgrado isso, não obstante ter sido um cidadão de aguda sensibilidade, em tempo algum descurou os seu deveres de cunho propriamente social. Lutador de rija têmpera, assaz produziu no campo do saber.

Sentindo, à maneira de Felix Pacheco, ser o jornal "o mergulho absoluto na intensidade da vida" e que todo periódico retrata, a seu modo, um aspecto transitório, um instante fugaz dessa mesma vida; acreditando, com justos motivos, formar a série de números de cada um deles, qualquer que seja o seu matiz político religioso, cultural ou literário, um como que alentado **in-fólio**, onde tudo que tange às respectivas especialidades, é relatado, perquirido e desvendado, deixando ao leitor comum o fácil trabalho das deduções e aos pesquisadores o labor da garimpagem dos elementos necessários à complementação dos escritos que elaboram; crendo, ainda, terem esses massudos **in fólios,** à maneira de quaisquer outras publicação do mesmo tipo, o seu prefácio, e ser ele necessariamente representado pelo número inicial de cada coleção, e sobretudo convicto de que tais prefácios se revestiam da maior importância cultural porque representavam sumas, eram manifestos, consubstancivam programas, revelavam propósitos e definiam linhas de conduta, ele, em boa hora, resolveu fazer-se colecionador de primeiros números de jornais. Esperava, desse modo, proporcionar aos estudiosos substancial ajuda.

Fortaleceu-lhe, ainda, os propósitos, a sentença feliz de H. Castello, segundo a qual **Les prefaces sont la substance des oeuvres.**

Dando-se todo à tormentosa empresa, pode, graças a sua extraordinária pertinácia e sem que jamais lhe arrefecesse o entusiasmo pela obra que empreendera, reunir uma coleção de primeiros números de periódicos brasileiros que formou célebre em todo o país.

Calculada em cerca de 7300 exemplares, entre os quais se contavam autênticas raridades, era ela motivo de admiração por parte de inúmeros historiadores e estudiosos que, no afã de conhecê-la e compulsá-la, a miúde visitavam a sua residência, onde era guardado o precioso acervo. Muito enriqueceu, desse modo, a história do nosso jornalismo.

Cedendo ao fascínio dos grandes centros urbanos, transferira residência para Fortaleza, aqui exercendo, entre vários outras ministeres, as funções de corretor de seguros na Companhia de Seguros, Sul América, entidade pela qual se aposentou Jornalista, foi membro do Conselho Superior da Associação Cearense de Imprensa, funcionário da U.F.C., secretário executivo do Instituto do Ceará e, a seguir, seu sócio efetivo.

Eis, senhores, esboçado em largas pinceladas o amigo, o homem de robusta personalidade, magnânimo e probo, cuja memória quisemos reverenciar e que, para nós, se fez credor do respeito e da admiração que se costumam tributar àqueles que se sagraram heróis, excelindo no cumprimento dos seus deveres para com a pátria, a família e a sociedade.